

25 de maio de 1975.

## RELEVOS DE 142 SÉRGIO CAMARGO

Desde a semana passada, devendo se prolongar até o dia 15 de junho, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, estão expostos 93 trabalhos de Sérgio Camargo, resultado de dez anos de realizações do escultor brasileiro que, chegado de Paris em 1972, declara que "se não voltasse agora, não voltava mais", pois iria tornar-se um artista internacional desnaturalizado.

Os trabalhos apresentados no MAM incluem relevos em madeiras e esculturas em mármore de Carrara.

— Não se trata de uma retrospectiva, mas a amostragem de uma fase de trabalhos realizados entre 1963 e 1973.

Durante a mostra, é distribuído um catálogo, com apresentação de Mário Barata sobre os relevos, e dois breves estudos inéditos a respeito de seu trabalho, que em determinado trecho cita Sérgio Camargo como um artista "de difícil classificação quanto ao gênero da sua arte. É um escultor, sem dúvida, mas onde está o volume, a tridimensionalidade de sua es-

cultura? De que é feita a sua dimensão? Onde se encontra a modelagem de sua matéria? Por que ou por onde se define o espaço, o seu espaço envolvente ou circundante? E, em geral, destinada ao muro como um relevo. Com que função? Ela é antes um intervalo, como uma medida de tempo, que uma integrante medida espacial. Capta, como se sabe, a luz e portanto a sombra como uma fachada daatedral, *a la Monet*. Seria, então, algo como uma pintura? Mas para o ser (estamos cada vez mais afastados da escultura) teria de apresentar algo como uma parede, uma fachada. Não é uma soberba estrutura em si: a dificuldade com a obra de Camargo é que ela não é nunca abstrata. É sempre concreta, mas quão longe dos cânones severos da arte concreta" (Mário Pedrosa, 1969).

Camargo nasceu no Rio em 1930 e teve como primeiros professores Emilio Petorutti e Lúcio Fontana na Academia Altamira, de Buenos Aires. Em 1948, parte para a Europa, onde ficaria até os primeiros anos da década seguinte, conhecendo artistas como Brancusi, Arp e Vantongerloo estudando filosofia na Universidade de Sorbonne. Ao retornar ao Brasil, em 51, ele passa dez anos "ajustando sua obra de escultor a diferentes níveis de aproximação ou recusa do real".

Em Paris, Sérgio Camargo define sua obra dentro da temática que até hoje mantém, aproximada; e ao mesmo tempo, diferenciada da de outros artistas latino-americanos radicados na Europa, companheiros seus de vivência, como Lé Parc, Cruz-Diez, Soto, Demarco e outros.

Os relevos de Sérgio Camargo poderão ser vistos todos os dias, a partir das 18h30min, na sala de Exposições do MAM, de onde irão para a Galeria de Luís Buarque de Holanda e Paulo Bittencourt.